

Fonte Valor Econômico

Local SP

Data 09/07/2012

Jornalista Beatriz Cutait

Título da notícia Foxx planeja crescer queimando lixo para gerar energia

Localização P. B6 - Empresas -
Infraestrutura

Alcance Nacional

Notícia

Saneamento Considerada novata no setor, estratégia de expansão da companhia inclui a aquisição da Haztec

Foxx planeja crescer queimando lixo para gerar energia

Beatriz Cutait
De São Paulo

Embora chame a atenção de quem toma o primeiro contato com a empresa, a letra X não tem qualquer relação com os negócios de Eike Batista. A opção pelo nome Foxx, com dois X, foi sugestão de uma numeróloga, conforme revela um dos donos da companhia, Milton Pilão Júnior.

Os planos ousados de expansão da empresa no setor de saneamento, contudo, carregam certa semelhança com o estilo agressivo do empresário carioca. Até então desconhecida, a Foxx chamou a atenção do mercado quando começou a analisar a aquisição da Haztec, empresa com forte atuação no Rio de Ja-

neiro e que passa por sérias dificuldades financeiras.

A compra, ainda em processo de diligência, pode levar a Foxx a integrar um grupo de peso no segmento, composto por nomes como Estre, do empresário Wilson Quintella; Vital Engenharia Ambiental, da Queiroz Galvão; e por Solvi e Marquise.

Diferentemente das concorrentes, entretanto, o foco da Foxx está concentrado em uma área ainda em desenvolvimento no Brasil, de geração de energia via tratamento térmico de resíduos.

A empresa pretende investir nada menos que R\$ 3,2 bilhões em cinco anos para implantar 16 Usinas de Recuperação de Energia (UREs) com capacidade para receber 825 toneladas de resíduo

ao dia cada, e negocia uma sociedade internacional que capitalizará a companhia. A Foxx planeja ingressar com no máximo 30% do montante — ou R\$ 960 milhões — e financiar o restante.

O projeto da Foxx começou em 2008, quando Pilão e seu principal sócio, o empresário Ismar Machado Assaly, compraram uma pequena empresa, de olho apenas em seu atestado técnico e nos profissionais.

A partir daquele momento, disputaram licitações, por meio da Foxx Soluções Ambientais, e conquistaram contratos de cinco anos nas cidades de Mogi Guaçu e Americana, no Estado de São Paulo, voltados à prestação de coleta de lixo e serviços urbanos.

“Naquele momento, a companhia não tinha definido sua missão. Éramos jovens nesse mercado”, diz Pilão, que tinha maior experiência na área de máquinas e equipamentos, voltados especialmente ao setor de papel e celulose. Ele começou a carreira na Pilão, empresa de seu pai vendida para a austríaca Andritz, em 2006.

De olho na constituição do projeto Foxx, os executivos decidiram fazer um giro pela Europa, Ásia e Estados Unidos para conhecer o que estava sendo feito na área de geração de energia a partir do lixo. Apesar da representativa diferença entre a remuneração pelo lixo no Brasil e em outros países e da percepção de que o investimento seria alto e numa área com retorno ainda desconhecido no país, os empresários enxergaram uma oportunidade para crescer, apostando no médio e longo prazo.

Para expandir os planos, a empresa negocia com fundo de investimento estrangeiro de grande porte

Dessa forma, a Foxx conquistou no fim de 2011 a primeira Parceria Público-Privada (PPP) com a cidade de Barueri (SP) para desenvolver uma usina de geração de energia, atualmente em processo de licenciamento pela Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental).

A unidade terá capacidade para receber um total de 825 toneladas de resíduos ao dia. Atualmente, Barueri gera 330 toneladas diárias, volume enviado para um aterro privado na cidade de Santana de Parnaíba, com vida útil próxima do fim.

A ideia é que a unidade da Foxx comece a operar em até dois anos e tenha potência disponível de 15,5 megawatts hora (MWh). Serão investidos R\$ 200 milhões neste primeiro projeto e Pilão espera um financiamento público de 70%, seja via BNDES ou via Caixa Econômica Federal.

Depois do pontapé inicial, o grupo já tem bem definida sua estratégia e pretende se desfazer da Foxx Soluções Ambientais, ficando apenas com a Foxx Inova Ambiental, dirigida ao tratamento térmico de resíduos.

“Queremos negociar a venda (da Foxx Soluções Ambientais) em até um ano, já que a empresa não é foco da companhia”, ressalta Pilão.

Os próximos passos do grupo compreendem uma usina em João Pessoa (PB), onde a Foxx comprou um aterro que recebe 1.200 toneladas de resíduos ao dia. Junto com a Marquise, a empresa ainda vai atuar numa PPP no município de Osasco (SP) em que terá outra URE e receberá os resíduos da companhia cearense, responsável pela coleta dos resíduos na cidade paulista.

Para evitar críticas sobre os riscos do negócio, a Foxx se cercou de grandes empresas para

serem parceiras em seus projetos. A companhia estabeleceu contrato de exclusividade com a Keppel Seghers, com a proposta de que a estrangeira nacionalize grande parte da produção. A empresa vai prover a tecnologia, enquanto a Engevix será a “EP-Cista”, responsável pela parte operacional. O Itaú BBA, a Ernst & Young Terco e o Mattos Filho Advogados estão assessorando a Foxx na compra da Haztec.

Para expandir os projetos, a empresa está em negociações com um fundo de investimento estrangeiro de grande porte. A política de confidencialidade impede Pilão de detalhar a operação, a ser concluída em até 90 dias, mas o executivo deixa claro que o objetivo é que o controle permaneça nacional. O fundo deverá ter participação de no máximo 30% e o aporte será feito na Inova Tec, detentora da Foxx.

O executivo, que até já sonha com uma oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) em 2016, quer que a Foxx seja considerada uma empresa de energia renovável. A ideia é que uma unidade padrão, com capacidade de 825 toneladas ao dia, gere receita de R\$ 60 milhões ao ano, dos quais a área de energia será responsável pela metade. E a venda de créditos de carbono e vapor ainda poderá complementar o faturamento.

“O plano, apesar de audacioso, tem solidez em sua base. O pior que pode acontecer é passar de cinco anos”, assinala Pilão.

Decisão de compra da Haztec já está tomada

De São Paulo

Se o ditado de que dois raios não caem no mesmo lugar estiver correto, os acionistas da Haztec já podem comemorar. O fim trágico da novela de 2010, quando a negociação de venda para o grupo Estre, do empresário Wilson Quintella Filho, não foi concretizada por muito pouco, promete não se repetir.

Pelo menos é o que garante Milton Pilão Júnior, um dos donos da Foxx Holding, que assinou contrato com os acionistas da Haztec para comprar a empresa, por meio de sua controlada, a Foxx Inova Ambiental. Segundo o executivo, a aquisição já está definida, mas as companhias estão em fase de diligência para estabelecer os termos do negócio, o que inclui a análise dos passivos e o preço a ser pago.

A Foxx poderá adquirir 100% da companhia fluminense ou negociar uma troca de ativos com os bancos Santander e Bradesco, controladores da Haztec via fundos de investimento. “A opção será decidida em setembro”, afirma Pilão.

Uma fatia de 45,5% da Foxx está

nas mãos do fundo InfraBrasil e 22,4% pertencem ao FIP Caixa Ambiental, ambos administrados pela Mantiq Investimentos, do Santander. Outros 25,2% são detidos pela Synthesis (do fundador da empresa, Paulo Tupinambá) e o restante (6,9%), pelo fundo Bradesco FIP Multisetorial.

O interesse da Foxx na Haztec se volta às concessões de longo prazo no Rio de Janeiro, na área de resíduos. Segundo Pilão, a empresa tem hoje 13.400 toneladas de lixo sob administração e, após enfrentar graves problemas de endividamento, têm mostrado números melhores.

No primeiro trimestre, a Haztec teve faturamento de R\$ 84 milhões e Ebitda positivo de R\$ 21 milhões, com previsão de incremento significativo devido ao encerramento do aterro de Gramacho, situado no município de Duque de Caxias (RJ).

Relatório divulgado no fim de março pela agência de classificação de risco Fitch Ratings mostrava uma situação bem negativa da Haztec. A instituição apontava que a empresa tinha sofrido, em 2011, com o aumento

das contas a receber em atraso, que haviam atingido 40%, e com geração de caixa (Ebitda) negativa de R\$ 33 milhões.

Sem poder detalhar a operação, devido ao acordo de confidencialidade estabelecido com um fundo internacional que ingressará no capital da Foxx, Pilão apenas deixa claro que o interesse na Haztec está naturalmente ligado à área de geração de energia. Em 2011, a companhia fluminense chegou a anunciar investimentos de R\$ 440 milhões em duas Usinas de Recuperação de Energia (UREs), mas os projetos não saíram do papel.

Além do segmento de resíduos sólidos, a atuação da Haztec engloba atualmente as áreas de consultoria e engenharia ambiental e de águas e efluentes.

De olho em uma administração profissionalizada, a Foxx está em processo seletivo para definir seus principais executivos das áreas financeiras e operacional.

Pilão e seu sócio, o empresário Ismar Machado Assaly, antigo dono da fabricante de pescados enlatados Gomes da Costa, ficarão no conselho de administração da empresa. Elogiado, o executivo Nuno Neves, que ocupa atualmente a presidência do conselho da Haztec, ainda deve permanecer no grupo. (BC)

Pendência judicial emperra aquisição

De São Paulo

O período de diligência sequer foi encerrado e a Foxx já se depara com pendências jurídicas no caminho para a aquisição da Haztec. A companhia fluminense está sendo acusada de quebrar um contrato, por não ter pago o valor integral acertado para comprar a Geoplan, em outubro de 2007. Os ex-controladores da empresa alegam que, dos R\$ 56 milhões definidos naquela ocasião, apenas cerca de R\$ 43 milhões foram pagos.

Dessa forma, a Geoplan do

Brasil, controlada pelo fundo americano de private equity Nexus Partners, entrou com uma ação em 2009 por quebra de contrato. A ação corre na 6ª Vara do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e a Geoplan exige a devolução dos ativos pela Haztec.

A empresa era especializada no tratamento de água para fins industriais e tinha concessões nas cidades de Araçatuba e Guarulhos, no Estado de São Paulo, e contratos com companhias de grande porte, como Vale, Petrobras e Vicunha. A companhia esteve entre as oito aquisições feitas pela Haztec entre

os anos de 2007 e 2009, e representa uma área que não faz parte da estratégia principal da Foxx e que, portanto, poderá ser vendida.

A Geoplan disse que notificou a Foxx sobre a questão e, até o momento, não teve resposta. A Foxx, por sua vez, informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que “não há qualquer inadimplemento no contrato de compra e venda que possa ser imputado à Haztec, considerando que a controvérsia existente se deve à omissão pela Geoplan de passivos na sociedade objeto do negócio em questão”. *BC*





imprimir



voltar